



SARAH  
MACLEAN

A RAINHA DOS ROMANCES DE ÉPOCA



A  
Dama  
e o  
Monstro

TOP  
SEL  
LER

«Sarah MacLean foi considerada a rainha inebriante dos romances de época. Com este livro, ela mantém firmemente a coroa.»

*Entertainment Weekly*

*Para V.  
É a minha coisa favorita.*

# Capítulo 1



*Setembro de 1837*

*Mayfair*

**L**ady Henrietta Sedley gostava de pensar que, em 28 anos e 364 dias, já aprendera algumas coisas.

Por exemplo, aprendera que, se uma senhora não podia usar calças (uma infeliz realidade para a filha de um conde, mesmo um que começara a vida sem título nem fortuna), devia, então, assegurar-se categoricamente de que as suas saias tinham bolsos. Uma mulher nunca sabia quando lhe poderia fazer falta um pedaço de corda ou uma faca para a cortar.

Também aprendera que qualquer fuga decente da sua casa em Mayfair exigia o abrigo da noite e uma carruagem conduzida por um aliado. Os cocheiros mostravam-se bastante prestáveis quanto a guardar segredos, mas acabavam por ser leais a quem lhes pagava os salários. Uma adenda importante a essa lição em particular era a seguinte: o melhor aliado era normalmente a melhor amiga.

Porém, a primeira coisa na lista do que aprendera ao longo da sua vida talvez fosse como fazer um nó de ajuste — e sabia fazê-lo desde que se lembrava.

Com um conjunto de conhecimentos tão obscuro e invulgar, poder-se-ia julgar que Henrietta Sedley saberia precisamente o que fazer na probabilidade de se deparar com um homem amarrado e inconsciente na sua carruagem.

Quem assim pensasse, estaria enganado.

De facto, Hattie nunca teria descrito um tal cenário como uma probabilidade. Era verdade que se sentia mais confortável nas docas de Londres do que nos salões de baile, mas, na sua impressionante coleção de experiências de vida, não constava algo remotamente ligado a algum elemento criminoso.

Contudo, ali estava ela, de bolsos cheios, com a sua melhor amiga ao seu lado, sob o negrume noturno da véspera do seu vigésimo nono aniversário, prestes a escapar de Mayfair para um serão de planos eximamente elaborados e...

Lady Eleanora Madewell assobiou baixinho, de uma maneira muito pouco senhoril, junto do ouvido de Hattie. Filha de um duque e da atriz irlandesa que este amava ao ponto de a ter tornado duquesa, Nora possuía o género de irreverência apenas permitido aos que detinham títulos a toda a prova e rios de dinheiro.

— Está um homem na carruagem, Hattie.

Hattie não desviou os olhos do indivíduo em questão.

— Bem vejo.

— Não estava nenhum homem na carruagem quando atrelámos os cavalos.

— Pois não.

Haviam deixado a carruagem previamente atrelada — e, sem dúvida, vazia —, no estreito e escuro caminho atrás da casa, há menos de três quartos de hora, antes de subirem as escadas para trocarem de roupa, para uma indumentária mais apropriada aos planos que tinham para o serão. Aparentemente, a certa altura, entre o espartilho e o *kohl*, alguém lhes deixara uma encomenda extraordinariamente indesejada.

— Creio que teríamos reparado se houvesse um homem na carruagem — comentou Nora.

— Também me parece que sim — respondeu Hattie, distraidamente. — É terrivelmente inoportuno.

Nora lançou-lhe um olhar.

— Haverá algum momento *oportuno* para um homem estar amarrado na carruagem de alguém?

Hattie calculava que não, mas...

— Podia ter escolhido outra noite. É um péssimo presente de aniversário. — Semicerrou os olhos para o interior da carruagem.

— Achas que está morto?

*Por favor, que não esteja morto.*

Silêncio. Seguido de uma consideração.

— Alguém guarda homens mortos em carruagens? — Nora estendeu o braço, o seu casaco de cocheiro a retesar-se-lhe nos ombros, e espetou um dedo no morto em questão. Este não se mexeu. — Não se mexe — comentou, encolhendo os ombros com impotência. — Pode estar morto.

Suspirando, Hattie tirou uma luva, inclinou-se para o interior da carruagem e colocou dois dedos no pescoço do homem.

— Tenho a certeza de que não está morto.

— O que é que estás a fazer? — sussurrou Nora, ansiosamente. — Se não estiver, vais acordá-lo!

— Isso não seria a pior coisa do mundo — observou Hattie. — Depois podíamos pedir-lhe que tivesse a gentileza de sair da nossa carruagem e seguíamos o nosso caminho.

— Oh, claro que sim. Este bruto parece precisamente o género de homem que o fará imediatamente, em vez de se vingar. Decerto tirar-nos-á o chapéu e desejar-nos-á uma excelente noite.

— Ele não tem chapéu — retorquiu Hattie, incapaz de refutar o resto da avaliação sobre o homem misterioso e possivelmente morto. Era bastante robusto, e, mesmo no escuro, dava para perceber que não era um homem com quem se dançasse num salão de baile. Era mais o género de homem que pilhava um salão de baile.

— Então? Sentes alguma coisa? — insistiu Nora.

— Não tem pulsação. — Embora, na verdade, Hattie não soubesse muito bem onde a sentir. — Mas está...

*Quente.*

Os mortos não se mantinham quentes, e aquele homem estava muito quente. Como uma lareira no inverno. O género de calor que fazia uma pessoa sentir que estava muito fria.

Ignorando o pensamento tolo, Hattie moveu os dedos pelo pescoço do homem até ao ponto onde este desaparecia sob o colarinho da camisa e onde a elevação do ombro e o declive do... do resto dele... se encontravam, num fascinante entalhe.

— E agora? Sentes alguma coisa?

— Chiu! — Hattie susteve a respiração. Nada. Abanou a cabeça.

— Jesus Cristo! — Não era uma prece.

Hattie não podia concordar mais. Porém, então...

*Ali.* Uma leve palpitação. Pressionou os dedos com mais força. O pulsar tornou-se firme. Lento. Regular.

— Estou a senti-lo. Está vivo — disse. — Está vivo — repetiu, expirando profundamente, aliviada. — Não está morto.

— Excelente. Contudo, isso não altera o facto de estar inconsciente na carruagem, e de nós termos aonde ir. — Fez uma pausa. — Devíamos deixá-lo aqui e levar a carruagem.

Há três meses que Hattie planeava aquela excursão para aquela noite em particular. A noite em que completaria 29 anos. A altura em que passaria a comandar a sua própria vida. A altura em que passaria a ser dona de si mesma. E tinha um plano muito específico para um lugar muito específico a uma hora muito específica, para o qual envergara uma indumentária muito específica. Contudo, ao fitar o homem na carruagem, todas essas especificidades pareciam irrelevantes.

A única coisa que parecia importante naquele momento era conseguir ver-lhe o rosto.

Segurando-se ao puxador da porta, retirou a candeia pendurada no canto traseiro da carruagem e virou-se para a amiga, cujo olhar pousou imediatamente na luminária apagada.

— Hattie — disse Nora, inclinando a cabeça. — Deixa-o estar. Levamos a carruagem mais pequena.

— Só uma espreitadela — respondeu Hattie.

Nora abanou a cabeça.

— Se espreitares, vais arrependerte.

— Tenho de espreitar — insistiu Hattie, tentando encontrar uma razão decente, ignorando o curioso facto de ser incapaz de confessar a verdade à amiga. — Tenho de o desamarrar.

— Não necessariamente — retorquiu Nora. — Alguém achou que era melhor deixá-lo amarrado, e quem somos nós para discordar? — Hattie já procurava uma pederneira na bolsa da porta da carruagem. — Então e os teus planos?

Havia muito tempo para os seus planos.

— Só uma espreitadela — repetiu, quando o óleo da candeia ateou. Fechou-a e virou-se para a carruagem, elevando a luz, que lançou um maravilhoso brilho dourado sobre... — Oh, meu Deus!

Nora abafou uma gargalhada.

— Afinal, parece que não é um presente assim tão mau.

O homem tinha o rosto mais bonito que Hattie já vira. O rosto mais bonito que alguém poderia alguma vez ter visto. Debruçou-se mais sobre ele, sentindo o seu calor, observando-lhe a pele de bronze, os ossos altos das faces, o nariz direito e longo, as sobran-celhas escuras e as pestanas incrivelmente longas, pousadas como penas nas suas faces.

— Que género de homem... — começou por dizer, mas interrompeu-se. Abanou a cabeça.

Que género de homem tinha aquela aparência?

Que género de homem tinha aquela aparência e, sem se saber como, aterrara na carruagem de Hattie Sedley — uma mulher muito pouco habituada a estar nas proximidades de homens com aquela aparência?

— Estás a fazer figura de tola. Estás a fitá-lo de queixo completamente caído — advertiu Nora. Hattie fechou a boca, mas não desviou o olhar. — Hattie, temos de ir — continuou a amiga. Fez uma pausa e depois acrescentou: — A não ser que tenhas mudado de ideias...

O comentário casual trouxe Hattie de volta ao momento. Ao seu plano. Abanou a cabeça. Baixou a candeia.

— Não mudei.

Nora suspirou. Colocou as mãos nas ancas e espreitou para o interior da carruagem.

— Segura-lo em baixo e eu em cima? — Viu uma reentrância escura atrás de si. — Ele pode ficar ali até recuperar a consciência.

O coração de Hattie acelerou.

— Não podemos deixá-lo aqui.

— Não podemos?

— Não.

Nora olhou-a de esguelha.

— Hattie... Não podemos levá-lo connosco só porque parece uma estátua romana.

Hattie corou no escuro.

— Não tinha reparado.

— Até perdeste a fala.

Ela clareou a garganta.

— Não podemos deixá-lo aqui porque foi o Augie que o prendeu.

Os lábios de Nora firmaram-se numa linha reta.

— Não sabes.

— Sei — retorquiu Hattie, segurando a candeia perto da corda à volta dos pulsos do homem e baixando-a depois para os tornozelos, também amarrados. — Porque o August Sedley não sabe fazer um nó de ajuste de jeito, e receio que, se deixarmos este homem aqui, ele se liberte e vá atrás do inútil do meu irmão.

Além disso, se não conseguisse libertar-se, sabia-se lá o que Augie poderia fazer-lhe. O irmão era tão tolo quanto imprudente — uma combinação que exigia intervenções regulares por parte de Hattie. O que, aliás, era uma razão significativa para a decisão de reivindicar o vigésimo nono aniversário como um ano só seu. Porém, ali estava o seu infernal irmão a arruinar tudo.

— Inconsciente ou não, não parece um homem que perca uma luta — observou Nora, desconhecendo os pensamentos da amiga.

O eufemismo não passou despercebido a Hattie. Soltou um suspiro e estendeu a mão para pendurar a candeia na cavilha, aproveitando a oportunidade para lançar um longo e lento olhar ao homem na carruagem.

Hattie Sedley aprendera algo mais nos seus 28 anos e 364 dias: se uma mulher tinha um problema, era melhor resolvê-lo sozinha.

Subiu para a carruagem, passando cautelosamente por cima do homem no chão, e virou-se para Nora, que permanecia imóvel, de olhos arregalados.

— Vamos lá, então. Largamo-lo pelo caminho.

## Capítulo 2



A última coisa de que se lembrava era do golpe na cabeça. Já esperava a emboscada, e fora por isso que utilizara a enorme carruagem de metal puxada por seis belos cavalos, carregada de bebidas alcoólicas, cartas de jogar e tabaco, com destino a Mayfair.

Ao atravessar a Oxford Street, ouvira o tiro, seguido do grito de dor de um dos seus homens. Parara para ver se estavam bem. Para os proteger. Para castigar quem os ameaçava. Viu um corpo no chão. Sangue na rua, por baixo dele. Mandara o seu segundo homem pedir ajuda, e, pouco depois, ouvira passos atrás de si. Virara-se, de faca na mão. Arremessara-a. Ouvira um grito no escuro quando esta se cravou.

Depois, o golpe na cabeça.

E depois... nada.

Nada até que umas batidas insistentes na face lhe devolveram a consciência, demasiado suaves para doer, mas com firmeza suficiente para o incomodar.

Não abriu os olhos, pois anos de treino permitiam-lhe simular a inconsciência enquanto tentava orientar-se. Tinha os pés amarrados. As mãos também, atrás das costas. Sentia as ataduras a apertarem-lhe os músculos do peito, revelando o que lhe faltava: as suas facas, oito lâminas de aço com cabo de ónix. Roubadas, juntamente com as bainhas de couro e as tiras que as prendiam ao seu peito. Resistiu à necessidade de reagir. De se enfurecer.

Porém, Saviour Whittington, conhecido nas vielas mais sombrias de Londres como Beast, não se enfurecia. Castigava. Rápida, devastadoramente e sem emoção.

E se tivessem tirado a vida a um dos seus homens — a alguém sob a sua proteção —, não voltariam a ter paz.

Contudo, antes de mais, tinha de se libertar.

Encontrava-se no chão de uma carruagem em movimento. Uma carruagem bem equipada, a julgar pela almofada suave sob a sua cabeça, e num bairro decente, dado o ritmo suave do empedrado sob as rodas.

Que horas seriam?

Ponderou a sua ação seguinte, tentando perceber como poderia incapacitar o seu captor, apesar das amarras. Imaginou que lhe partia o nariz utilizando a testa como uma arma plana. Usando as pernas amarradas para o derrubar.

As batidas na sua face recomeçaram, seguidas de um sussurro. — Senhor...

Abriu os olhos.

O seu captor não era um homem.

O banho de luz dourada na carruagem deixou-o confuso, parecendo, de alguma forma, vir, não da candeia que balançava suavemente a um canto, mas da mulher.

Ali sentada, acima dele, não parecia o género de inimigo que derrubasse um homem e o amarrasse numa carruagem. Na verdade, parecia ir a caminho de um baile. Perfeitamente arranjada, perfeitamente penteada, perfeitamente embelezada — a pele lisa, os olhos pintados, os lábios cheios e avivados apenas o suficiente para fazer um homem prestar-lhes atenção. E isso até lhe vislumbrar o vestido, azul, como um céu de verão, perfeitamente ajustado ao seu corpo.

Na verdade, ele não devia estar a reparar em nada daquilo, visto que ela o mantinha amarrado numa carruagem. Não devia estar a reparar nas curvas dela, macias e convidativas na cintura, no decote do corpete. Não devia estar a reparar no brilho da pele lisa e dourada do seu ombro redondo, sob a luz da candeia. Não devia estar a reparar na bonita suavidade do seu rosto, nos lábios carnudos avermelhados.

Não era suposto ficar a reparar nela.

Semicerrou os olhos, fitando-a, e os dela arregalaram-se. Seria possível que fossem cor de violeta? Que género de pessoa tinha olhos violeta?

— Bem, se esse olhar é um indício do seu temperamento, senhor, não admira que esteja amarrado. — A mulher inclinou a cabeça. — Quem é que o amarrou? — perguntou. Whit não lhe respondeu. Não acreditava que ela não soubesse. — Porque é que está amarrado?

Novamente, silêncio.

Os lábios dela cerraram-se numa linha reta, murmurando, de seguida, algo que soava como: «Inútil.» Depois, mais alto e mais firmemente, acrescentou:

— O problema é que o senhor é muito inconveniente, pois eu precisava da carruagem esta noite.

— Inconveniente — repetiu ele. Não tencionava responder-lhe, surpreendendo-os a ambos.

Ela assentiu com a cabeça.

— De facto. Este é o Ano da Hattie.

— O quê?

Ela acenou com uma mão, como se descartasse a pergunta. Como se não fosse importante. Mas Whit imaginava que fosse.

Ela prosseguiu:

— É o meu aniversário. Tenho planos. Planos esses que não incluem... o que quer que isto seja. — O silêncio estendeu-se entre ambos, até que ela continuou: — Neste momento, a maioria das pessoas desejar-me-ia um feliz aniversário — observou. Whit, porém, não mordeu o isco. Ela ergueu as sobrancelhas. — E aqui estava eu, pronta a ajudá-lo.

— Não preciso da sua ajuda.

— O senhor é muito indelicado, sabe?

Ele resistiu ao indesejado instinto de ficar boquiaberto.

— Fui atacado e prenderam-me numa carruagem desconhecida.

— Sim, mas tem de admitir que a companhia é divertida, não? — comentou ela, sorrindo, a covinha que lhe surgiu na bochecha direita impossível de ignorar. Como ele não respondeu, ela prosseguiu: — Muito bem, então. Mas o senhor parece que está num aperto. — Fez uma breve pausa, e depois acrescentou: — Vê como sou divertida? Num aperto?

Ele tentou libertar-se das cordas nos pulsos. Estavam apertadas, mas começavam a ceder. Era possível escapar.

— Vejo que é imprudente.

— Há quem me ache encantadora.

— Não sou de achar as coisas encantadoras — respondeu ele, continuando a remexer as cordas, perguntando-se o que lhe dera para estar a discutir com aquela tagarela.

— É uma pena. — Ela parecia sincera, mas, antes de ele poder pensar no que dizer, acrescentou: — Mas pouco importa. Mesmo que não o queira admitir, o senhor precisa de ajuda. Visto que está amarrado e eu sou a sua companheira de viagem, receio que não se possa livrar de mim. — Agachou-se junto dos pés dele, como se tudo aquilo fosse perfeitamente normal, e desatou as cordas com um movimento suave e destro. — Tem sorte por eu ser muito boa com nós.

Ele resmungou a sua aprovação, esticando as pernas no espaço confinado quando ela o libertou.

— E por ter outros planos para o seu aniversário.

Ela hesitou, corando.

— Sim.

Whit nunca compreenderia o que o fez continuar.

— Que planos?

Os incríveis olhos dela, de uma cor irreal e demasiado grandes para o seu rosto, pestanejaram.

— Planos que, para começar, não incluem resolver o problema em que o senhor se meteu.

— Da próxima vez que me deixarem inconsciente com uma pancada na cabeça, tratarei de que tal não interfira na sua vida, minha senhora.

Ela sorriu, aquela covinha surgindo novamente, como uma brincadeira privada.

— Trate de que assim seja. — Antes de ele poder responder, ela continuou: — Embora eu não creia que tenhamos esse problema no futuro. Claramente, não frequentamos os mesmos meios.

— Esta noite frequentámos.

O sorriso dela abriu-se, lento e fácil, e Whit não pôde evitar demorar-se nele. A carruagem começou a abrandar, e ela espreitou por trás da cortina.

— Estamos quase a chegar — disse calmamente. — Está na altura de sair, senhor. Decerto concorda que nenhum de nós tem qualquer interesse em que seja descoberto.

— As minhas mãos — disse ele, apesar de as cordas estarem a afrouxar.

Ela abanou a cabeça.

— Não posso correr o risco de que o senhor se vingue.

Ele fitou-a sem hesitação.

— A minha vingança não é um risco. É uma certeza.

— Não duvido. Mas não posso arriscar-me a que se vingue através de mim. Não esta noite. — Estendeu a mão diante dele para o puxador da porta, falando-lhe ao ouvido, por cima do matraquear das rodas e dos cascos dos cavalos na rua. — Como já lhe disse...

— Tem planos — concluiu ele, virando-se para ela, incapaz de resistir ao seu cheiro a bolinhos de amêndoa; uma doce tentação.

Os olhos dela encontraram os dele.

— Sim.

— Conte-me o plano, e deixo-a ir. — Ele encontrá-la-ia.

Novamente, aquele sorriso.

— O senhor é muito arrogante. Deverei recordá-lo de que sou eu que o estou a deixar ir?

— Conte-me. — A ordem foi ríspida.

Viu a mudança nela. Observou a hesitação a tornar-se curiosidade. Bravura. E depois, como que numa dádiva, ela sussurrou:

— Talvez seja melhor mostrar-lhe, em vez de contar.

*Caramba, sim!*

Ela beijou-o, encostando levemente os lábios aos dele, macios, doces, inexperientes, a saber a vinho, diabolicamente tentadores. Ele esforçou-se mais por libertar as mãos. Para mostrar àquela mulher estranha e curiosa o quanto desejava que ela realizasse os seus planos. Porém, ela libertou-o primeiro. Sentindo um puxão nos pulsos, as cordas afrouxaram, um instante antes de ela afastar os lábios dos dele. Ele abriu os olhos, vendo o brilho de um pequeno canivete na sua mão. Ela mudara de ideias. Soltara-o.

Queria agarrá-la. Continuar o beijo.

Contudo, conforme o avisara, a senhora tinha outros planos.

Antes de ele lhe poder tocar, a carruagem abrandou para dobrar uma esquina, e ela abriu a porta atrás dele.

— Adeus.

O instinto permitiu a Whit virar-se ao cair, baixando o queixo, protegendo a cabeça e enrolando o corpo, tudo enquanto um único pensamento o percorria.

*Ela vai fugir.*

Parou de encontro à parede de uma taberna, fazendo dispersar o grupo de homens reunidos à porta.

— Oi! — gritou um deles, aproximando-se. — Está tudo bem, amigo?

Whit pôs-se de pé, abanando os braços, endireitando os ombros, oscilando o peso para trás e para a frente, para testar os ossos e os músculos, certificando-se de que estava tudo em ordem. Depois, tirou dois relógios do bolso para ver as horas. Eram 21h30.

— Caramba! Nunca tinha visto ninguém a endireitar-se tão depressa após uma queda assim — comentou o homem, estendendo a mão para lhe dar uma palmadinha no ombro. A mão, porém, imobilizou-se antes de pousar, pois os seus olhos fixaram-se no rosto de Whit, arregalando-se imediatamente em reconhecimento. A simpatia tornou-se medo, e o homem recuou um passo. — Beast.

Whit empinou o queixo, em confirmação, tomando consciência de algo. Se aquele homem o conhecia, se sabia o seu nome...

Virou-se, semicerrando os olhos para a esquina da rua empedrada e escura, por onde a carruagem desaparecera, levando a sua passageira para o labirinto de Covent Garden.

A satisfação voltou a vibrar pelo seu corpo.

Afinal, ela não ia fugir.

## Capítulo 3

— **E**mpurraste-o da carruagem? — O choque de Nora era evidente, espreitando para o interior do veículo vazio depois de Hattie descer. — Julguei que não desejávamos a sua morte...

Hattie percorreu com os dedos a seda da máscara que colocara antes de sair da carruagem.

— Ele não está morto.

Havia ficado pendurada sobre a porta da carruagem o tempo suficiente para se certificar disso — o tempo suficiente para se maravilhar com a forma como o homem se enrolara antes de se levantar, de um salto, como se estivesse habituado a que o atirassem para fora de carruagens.

Supunha que, tendo-o encontrado amarrado na sua carruagem, nessa noite, era possível que isso sucedesse regularmente. Contudo, ficara a observá-lo, sustendo a respiração até ele se erguer, ileso.

— Quer dizer que ele acordou? — perguntou Nora. Hattie assentiu com a cabeça. Levou os dedos aos lábios, a sensação do beijo dele, firme e suave, permanecendo ali como um eco, juntamente com o sabor de algo... Talvez limão? — E?

Hattie olhou para a amiga.

— E o quê?

Nora revirou os olhos.

— Quem é ele?

— Ele não disse.

Uma pausa.

— Pois, calculo que não iria dizer.

*Pois. Mas eu teria dado tudo para saber.*

— Podias perguntar ao Augie — sugeriu Nora. O olhar de Hattie disparou para a amiga. Teria dito aquilo em voz alta? Nora sorriu. — Esqueces-te de que conheço a tua mente tão bem quanto a minha?

Nora e Hattie haviam sido amigas toda a vida — mais de uma vida, costumava dizer a mãe de Nora, vendo as duas a brincar debaixo da mesa, no seu jardim das traseiras, partilhando segredos. Elisabeth Madewell, a duquesa de Holymoore, e a mãe de Hattie tinham coexistido nas franjas da aristocracia. Nenhuma fora bem acolhida depois de o destino ter intervindo para transformar uma atriz e uma lojista de Bristol numa duquesa e numa condessa, respetivamente. Tinham sido destinadas a ser amigas muito antes de o pai de Hattie ter recebido o seu título, duas almas inseparáveis que faziam tudo juntas, incluindo dar à luz as filhas — Nora e Hattie, nascidas com semanas de diferença e criadas tão próximas como irmãs, nunca tiveram oportunidade de não se amarem dessa forma.

— Vou dizer duas coisas — acrescentou Nora.

— Só duas?

— Está bem. Duas, por agora. Reservo-me o direito de dizer mais — corrigiu Nora. — Primeiro, é melhor rezares para teres razão e não termos, acidentalmente, assassinado o homem.

— Não assassinámos — confirmou Hattie.

— E segundo — continuou Nora, sem hesitar —, da próxima vez que eu sugerir que deixemos um homem inconsciente na tua carruagem e levemos a minha, levamos mesmo.

— Se tivéssemos levado a carruagem pequena, nós é que podíamos ter morrido — desdenhou Hattie. — Conduzes aquela coisa demasiado depressa.

— A minha condução está sempre completamente controlada.

Quando as mães de ambas morreram, com poucos meses de diferença — irmãs, até nisso —, Nora viera em busca do conforto que não conseguia encontrar junto do pai e do irmão mais velho, homens demasiado aristocratas para se darem ao luxo de sofrer.

Os Sedleys, porém, nascidos pessoas comuns, e agora o género de aristocratas que não eram, de todo, considerados aristocratas, não tinham esse género de problemas. Arranjaram espaço para Nora em sua casa e à sua mesa, e, em breve, ela estava a passar mais noites em casa deles do que na sua, algo que o pai e o irmão pareciam nem notar — tal como pareciam não notar que ela começara a gastar o seu dinheiro em carruagens que rivalizavam com as dos mais ostentosos janotas da sociedade.

Uma mulher responsável pelo seu próprio transporte era uma mulher responsável pelo seu próprio destino, como Nora gostava de dizer.

Hattie não tinha tanta certeza disso, mas não negava que valia a pena ter uma amiga com particular jeito para conduzir. Especialmente nas noites em que não queriam que os cocheiros falassem — e qualquer cocheiro falaria se depositasse duas filhas solteiras da aristocracia à porta do número 72 da Shelton Street. Ainda que, à primeira vista, o número 72 da Shelton Street não aparentasse ser um bordel.

Chamar-se-ia bordel, sendo para mulheres?

Na verdade, isso pouco importava. O edifício lindamente decorado não se parecia nada com o que Hattie imaginava que seriam os seus congéneres para homens. De facto, tinha uma aparência calorosa e acolhedora, brilhando como um farol, as janelas inundadas de luz dourada, plantas a transbordar de cores outonais pendendo de cada lado da porta e por cima, com canteiros em todos os parapeitos. Não deixou, contudo, de reparar que as janelas estavam tapadas, o que não era de surpreender, visto que o que acontecia lá dentro era do foro privado.

Levou a mão à cara para verificar novamente se a máscara estava bem colocada.

— Se tivéssemos trazido a carruagem pequena, teríamos sido vistas.

— Creio que tens razão. — Nora encolheu um ombro e sorriu. — Então, fora da carruagem com ele.

Hattie riu-se.

— Não devia tê-lo feito.

— Bem, não vamos voltar atrás para pedir desculpa — observou Nora, apontando para a porta. — Então? Vais entrar?

Hattie respirou fundo. Ali estava. Virou-se para a amiga.

— Isto é uma loucura?

— Completamente — respondeu Nora.

— Nora!

— É uma loucura no melhor sentido possível. Tu tens planos, Hattie. E é assim que os vais concretizar. Depois disto, não será possível voltar atrás. E, sinceramente, tu mereces.

A dúvida sussurrou ao ouvido de Hattie, quase inaudível, mas presente.

— Tu também tens planos, mas não fizeste nada deste género.

Nora encolheu os ombros.

— Não precisei. — O universo concedera a Nora riqueza e privilégio, e uma família que parecia não se importar que ela usasse ambos para agarrar a vida pelos cornos.

Hattie não tivera tanta sorte. Não era o género de mulher de quem se esperasse que agarrasse a vida pelos cornos. No entanto, depois daquela noite, tencionava mostrar ao mundo com que competência pretendia fazê-lo. Porém, primeiro, precisava de se livrar de algo que estava a impedi-la. Por isso, ali estava.

Virou-se para Nora.

— Tens a certeza de que isto é...

Uma carruagem aproximou-se, interrompendo-a, o bater de cascos dos cavalos e o matraquear das rodas a parar, troando-lhe nos ouvidos. Um trio de mulheres risonhas desceu, todas envolvidas em lindos vestidos de seda que resplandeciam como joias e máscaras de Arlequim quase iguais à de Hattie. De pescoços longos e cinturas finas, era fácil deduzir que aquelas mulheres eram bonitas.

Hattie não era bonita.

Deu um passo atrás, encostando-se à carruagem.

— Bem, agora tenho a certeza de que é este o sítio — comentou Nora, secamente.

Hattie olhou para a amiga.

— Mas porque é que elas...

— O mesmo se pode dizer de ti.

— Mas elas podiam ter... — *Qualquer homem que quisessem.*

Nora olhou-a de esguelha, arqueando uma das suas negras sobranceiras.

— Tu também.

Não era verdade, claro. Os homens não corriam atrás de Hattie. Oh, gostavam bastante dela, sim. Afinal, ela interessava-se por navios e cavalos e tinha cabeça para os negócios e inteligência suficiente para entreter alguém durante um jantar ou um baile. Porém, quando uma mulher tinha a aparência dela e pensava como ela, era mais provável um homem dar-lhe palmadinhas no ombro do que um abraço apaixonado. A boa e velha amiga Hattie, mesmo quando ela era mais jovem e estava na sua temporada de debutante.

Obviamente, não disse nada disto em voz alta, e Nora preencheu o silêncio.

— Talvez elas também estejam à procura de algo... sem compromisso. — Observaram as mulheres a bater à porta do número 72 da Shelton Street, uma janelinha a abrir e a fechar antes de o mesmo suceder à porta e elas desaparecerem lá dentro, deixando a rua novamente silenciosa. — Talvez elas também procurem comandar os seus próprios destinos.

Um rouxinol chilreou por cima delas, ao que outro respondeu quase de imediato, à distância.

*O Ano da Hattie.*

Hattie assentiu com a cabeça.

— Muito bem, então.

Nora sorriu.

— Muito bem, então.

— De certeza que não queres entrar?

— Para fazer o quê? — perguntou a amiga, com uma gargalhada. — Não há nada para mim lá dentro. Acho que vou dar uma volta, ver se consigo bater o meu próprio record de tempo à volta do Hyde Park.

— Ótimo. — Mesmo a melhor parte de Covent Garden não deixava de ser uma das piores zonas de Londres. — Duas horas?

— Estarei aqui. — Nora inclinou a sua boina de cocheiro e sorriu. — Divirta-se, minha senhora.

Tinha sido sempre esse o plano de Hattie, não tinha? Divertir-se na primeira noite do resto da sua vida, enquanto fechava a porta ao passado e tomava o futuro nas mãos. Com um aceno para a amiga, aproximou-se do edifício, com os olhos fixos na sua grande

escadaria de metal e na pequena ranhura que se abriu no momento em que ela bateu à porta, revelando um par de olhos pintados de negro, a avaliá-la.

— Senha?

— Regina.

A janelinha fechou-se. A porta abriu-se. E Hattie entrou.

Os seus olhos demoraram um momento a adaptar-se à penumbra do interior do edifício, um contraste tão grande em relação ao exterior vivamente iluminado que ela, instintivamente, levou a mão à máscara.

— Se a retirar, não poderá ficar — avisou a mulher que lhe abrira a porta, alta, magra e linda, com cabelos negros e olhos mais negros ainda, e a pele mais pálida que Hattie já vira.

Hattie baixou a mão.

— Eu sou...

— Sabemos quem é, minha senhora — interrompeu-a a mulher, sorrindo. — Não são necessários nomes. O seu anonimato é uma prioridade.

Aquela era, possivelmente, a primeira vez que alguém lhe dizia que ela era, de alguma forma, uma prioridade. Isso agradou-lhe.

— Oh, que gentil — respondeu, por não saber o que mais dizer.

A mulher virou costas, empurrando uma espessa cortina para entrar na sala de visitas, onde as três mulheres que Hattie vira lá fora pararam de tagarelar para a examinar. Hattie pensou em avançar até um canapé vazio, mas a sua acompanhante impediu-a, conduzindo-a por outra porta.

— Por aqui, minha senhora.

Hattie seguiu-a.

— Mas elas chegaram antes de mim.

Mais um pequeno sorriso nos bonitos lábios cheios da mulher.

— Elas não têm marcação.

A ideia de alguém poder aparecer num sítio daqueles sem ser anunciado desconcertou Hattie. Afinal, isso significaria que a pessoa frequentava o local — e como seria ser o género de mulher que não só tinha acesso a um tal sítio, mas desfrutava dele regularmente? Isso queria dizer que gostara.

A excitação percorreu-a quando entraram na sala seguinte, larga e oval, ricamente decorada com sedas vermelho-escuras

e brocados dourados, luxuriosos veludos azuis e salvas de prata repletas de chocolates e *petits fours*.

O estômago de Hattie rugiu. Não tinha comido antes, por estar tão nervosa.

A sua bonita acompanhante virou-se para ela.

— Gostaria de um refresco?

— Não. Quero despachar isto. — Arregalou os olhos. — Quero dizer... eu...

A mulher sorriu.

— Eu compreendo. Siga-me.

Hattie seguiu-a através dos corredores labirínticos do edifício, que, por fora, parecera enganadoramente pequeno para o espaço amplo do interior. Subiram uma vasta escadaria, e Hattie não resistiu a passar os dedos pelas coberturas da parede, de uma seda escura, cor de safira, com folhas bordadas a ouro. Todo aquele lugar transbordava de luxo. Na verdade, não deveria estar surpreendida — afinal, pagara uma fortuna pelo privilégio de uma marcação. Na altura, julgara estar a pagar pela confidencialidade, não pela extravagância. Agora, parecia que pagara por ambas.

Ao chegarem ao cimo da escadaria, percorreram um corredor bem iluminado, ladeado por portas fechadas. Hattie observou a sua acompanhante.

— A senhora é a Dahlia?

O número 72 da Shelton Street era propriedade de uma misteriosa mulher conhecida entre as senhoras da aristocracia apenas como Dahlia. Fora com Dahlia que Hattie se correspondera ao planejar aquela noite. Fora Dahlia que lhe fizera uma série de perguntas acerca dos seus desejos e preferências — perguntas a que Hattie, com as faces em fogo, mal conseguira responder. Afinal, a mulheres como Hattie raramente era dada a oportunidade de explorar os seus desejos ou de ter preferências.

Porém, agora ela tinha preferências.

O pensamento chegou-lhe ilustrado — o homem na carruagem, tão bonito no seu estado de inconsciência, e depois... desperto, inegavelmente belo. Aqueles olhos ambarinos que escrutinavam e avaliavam, que pareciam ir diretamente ao âmago dela. A ondulação dos seus músculos ao debater-se com as cordas. E o seu beijo...

Ela beijara-o.

Onde é que tinha a cabeça?

Não tinha.

E, no entanto... sentia-se grata pela memória, pelo eco da respiração áspera daquele homem quando ela encostara os lábios aos dele, pelo suave gemer que se seguira, o som afundando-se nela, o entusiasmo à medida que ele cedia. À medida que ele se tornava a sua preferência.

As suas faces voltaram a aquecer. Pigarreou e olhou para a sua acompanhante, cujos lábios cheios estavam recurvados num sorriso secreto.

— Sou a Zeva, minha senhora. A Dahlia não está na residência esta noite. Mas não se preocupe; preparámos tudo para si na ausência dela. Acreditamos que esteja tudo ao seu gosto.

Zeva abriu uma porta, dando passagem a Hattie. O seu coração acelerou, enquanto examinava a divisão. Engoliu em seco, sentindo um nó na garganta, recusando-se a permitir que o nervosismo se manifestasse, apesar de o que outrora fora uma ideia louca estar agora a tornar-se realidade.

Não estavam numa sala normal. Era um quarto. Um quarto lindamente decorado, com sedas e cetins, e uma colcha de veludo num azul vibrante que resplandecia em contraste com os postes elaboradamente esculpidos da peça central do quarto — uma cama de ébano.

O facto de uma cama ser, em geral, a peça central de um quarto pareceu-lhe, de repente, totalmente irrelevante, e teve a certeza de que nunca tinha visto uma cama na sua vida. O que explicava porque não conseguia deixar de olhar para ela.

— Há algum problema, minha senhora? — Era impossível ignorar o divertimento na voz de Zeva.

— Não! — respondeu Hattie, mal reconhecendo a sua voz no seu guincho, que saiu num tom reservado apenas aos cães. Pigarreou. O corpete do vestido pareceu-lhe de repente demasiado apertado. Levou uma mão ao peito. — Não, não. Está tudo perfeito. Era o esperado. Exatamente como planeado. — Voltou a pigarrear, ainda concentrada na cama. — Obrigada.

Atrás dela, Zeva falou:

— Gostaria de ter um momento para si antes de o Nelson vir ter consigo?

O *Nelson*. Hattie virou-se para a mulher, ao ouvir o nome.

— Nelson? Como o herói de guerra?

— Exatamente. Um dos melhores que temos.

— E, por melhor, quer dizer que...

As sobrancelhas negras da mulher ergueram-se.

— Além das qualidades que exigiu, ele é encantador, conhecedor e extremamente minucioso.

Extremamente minucioso na cama, queria ela dizer. Hattie engasgou-se com a areia que parecia encher-lhe a garganta.

— Percebo. Bem, o que mais se pode pedir?

Os lábios de Zeva tremeram.

— Talvez um momento para se familiarizar com o quarto. —

*Com a cama, quer ela dizer.* — E, quando estiver pronta, toque a sineta. — acrescentou, apontando para um cordão na parede.

*Pronta para a cama, quer ela dizer.*

Hattie assentiu.

— Sim, parece-me perfeito.

Zeva flutuou para fora do quarto, a batida suave da porta sendo a única prova de que alguma vez ali estivera.

Hattie suspirou longamente e virou-se para observar o quarto vazio. Sozinha, foi capaz de se concentrar no que ainda não vira, o brilhante papel de parede dourado, a lareira com azulejos belíssimos e as grandes janelas que, sem dúvida, revelariam os labirínticos telhados de Covent Garden durante o dia, mas que agora, à noite, espelhavam a escuridão, refletindo a luz das velas do quarto, com Hattie no seu centro.

Hattie. Pronta para recomeçar a sua vida.

Aproximou-se de uma das janelas, esforçando-se por ignorar o seu reflexo, considerando, ao invés, a escuridão que a rodeava, infinda, como os seus planos. Os seus desejos. A decisão de deixar de esperar que o pai se apercebesse do seu potencial e, em vez disso, apropriar-se do que pretendia. Provar-se suficientemente forte, inteligente, livre.

E talvez um pouquinho imprudente.

Mas qual era o caminho para o sucesso que não continha um pouco de imprudência?

Essa imprudência tirá-la-ia da corrida para esposa de um homem decente e tornaria impossível o seu pai recusar-lhe o que

ela verdadeiramente desejava: um negócio que fosse dela; uma vida que fosse dela; um futuro que fosse dela.

Respirou fundo e virou-se para uma mesa próxima, suficientemente guarnecida para alimentar um exército: pequenas sanduíches, canapés e *petits fours*. Uma garrafa de champanhe e dois copos estavam de sentinela junto da comida. Não deveria ficar surpreendida; o inquérito às suas preferências para essa noite fora bastante minucioso, e ela pedira aquelas iguarias, não tanto por apreciar champanhe e comida deliciosa — no entanto, quem não apreciava? —, mas por lhe parecer o género de coisa de que uma mulher com experiência se proveria numa tal ocasião.

Assim, uma mesa aguardava um casal, como se aquele lugar fosse uma estalagem de destaque na Great North Road, e o quarto estivesse preparado para noivos. Hattie sorriu àquele pensamento tolo e romântico. Contudo, era a comodidade que o número 72 da Shelton Street vendia, ou não era? Romance, como quer que se preferisse, pago e embalado.

Champanhe e *petits fours* e uma cama de quatro postes.

De repente, achou tudo aquilo muito ridículo.

Soltou um risinho nervoso. Nem pensar que iria comer canapés ou *petits fours*. O seu estômago enrolado devolvê-los-ia imediatamente. Porém, champanhe... talvez um pouco de champanhe fosse exatamente o que lhe fazia falta.

Serviu-se de uma taça e bebeu-a como se fosse limonada, sentindo o calor a invadi-la mais depressa do que esperava. O calor e coragem suficiente para a fazer atravessar o quarto e puxar a sineta. Para chamar Nelson. Extremamente minucioso, como o herói de guerra. Supunha que poderia haver nomes piores para o homem que iria livrá-la da sua virgindade.

Puxou a sineta — silenciosa dentro do quarto, mas soando algures, no misterioso edifício, onde Hattie imaginava um bando de homens formosos a aguardar para providenciar extrema minúcia, como cavalos numa linha de partida. Sorriu perante essa estranha imagem, um Nelson sem rosto, envergando um uniforme completo e um chapéu de almirante, à falta de mais criatividade, pondo-se em movimento ao ouvir o som da sineta, correndo para ela, as pernas longas a subir os degraus dois a dois, ou até três a três, arquejando na pressa para se lhe juntar.

Como deveria ela apresentar-se quando ele chegasse? Deveria estar à janela? Ele queria vê-la de pé? Para avaliar a situação? Esse pensamento não a deixou propriamente eufórica.

Sendo assim, restava-lhe simplesmente uma cadeira junto da lareira, ou a cama.

Duvidava bastante que ele desejasse conversar com ela. Efetivamente, também não tinha a certeza de que lhe apetecesse conversar. Afinal, aquilo era um meio para atingir um fim. Então, seria a cama.

Deveria deitar-se? Isso parecia demasiado direto, embora, na verdade, ela tivesse sido mais do que direta ao procurar o número 72 da Shelton Street alguns meses antes e ao atrelar a carruagem nessa noite. Transpusera completamente o limite do ser direta ao beijar um homem na carruagem.

Por um louco momento, não foi um almirante sem rosto que correu na sua direção. Foi um género de homem totalmente diferente. Com um rosto belo, feições perfeitas, olhos cor de âmbar, sobrancelhas negras e lábios mais macios do que ela alguma vez imaginara que uns lábios poderiam ser.

Pigarreou e afastou o pensamento, voltando ao problema que tinha em mãos. Deitar-se parecia errado; sentar-se na cama de pernas cruzadas, também. Talvez houvesse um meio-termo? Uma qualquer reclinção sedutora?

*Argh!* Hattie nunca fora sedutora na sua vida.

Empoleirou-se no canto menos iluminado da cama e reclinou-se, enrolando um braço no poste para se manter equilibrada, desejando parecer o tipo de mulher que passava a vida a fazer aquele género de coisas. Uma sedutora que conhecia os seus desejos e as suas preferências. Alguém que compreendia expressões como «extremamente minucioso».

Então a porta abriu-se, e o coração martelou-lhe no peito, enquanto uma enorme figura entrava nas sombras. Não usava uniforme, nem chapéu de almirante, nem nada tão aprumado. Vinha vestido de preto. Uma imensidão de preto.

Já dentro do quarto, a luz banhava-lhe o rosto perfeito com um brilho dourado e acolhedor.

O coração de Hattie parou, e ela endireitou-se, compensando demasiado a sua posição instável, e quase caindo da cama.

Ele moveu-se com uma graça singular, como se não tivesse estado inconsciente na carruagem, uma hora antes. Como se ela não o tivesse atirado porta fora.

Hattie percorreu-o com o olhar, procurando arranhões e nódoas negras, feridas e mazelas causadas pela queda. Nada. Engoliu em seco, grata pela pouca iluminação.

— O senhor não é o Nelson.

Ele não respondeu. Ao invés, fechou a porta atrás de si.

E ficaram a sós.

## Capítulo 4



**E**la deveria ter sido uma agulha num palheiro.

Deveria ter desaparecido.

Deveria ter sido uma entre um milhar de mulheres, num milhar de carruagens, correndo como escorpiões pelas vielas mais escuras de Londres, invisíveis aos homens vulgares do mundo para lá delas.

E era apenas isso que ela teria sido, mas Whit não era um homem vulgar. Era um Bastardo Bareknuckle — um rei das vielas de Londres, com inúmeros espiões à espreita, no escuro —, e nada acontecia por ali sem que ele soubesse. Fora ridiculamente fácil para a sua ampla rede de vigias encontrar a carruagem preta que rumara noite adentro.

Tinham-na seguido antes de ele chegar aos telhados. Conseguiram a sua localização tão depressa como as informações que sabiam que ele iria querer. A carga que conduzia quando foram atacados desaparecera, os seus homens estavam vivos, e os seus atacantes, em parte incerta. Sem terem sido identificados.

Mas seria por pouco tempo.

A mulher levá-lo-ia ao inimigo — um inimigo que os Bastardos Bareknuckle procuravam há meses. Se Whit não estivesse enganado, um inimigo que conheciam há anos.

Também fora de grande ajuda o facto de os seus rapazes estarem sempre de olho nas entradas do bordel. Afinal, um irmão

protegia a sua irmã — mesmo quando a irmã em causa era poderosa o bastante para que uma cidade se ajoelhasse diante de si. Mesmo quando a irmã se escondia da única coisa que lhe poderia roubar esse poder.

Whit entrara facilmente no edifício do número 72 da Shelton Street, passando por Zeva, detendo-se apenas o tempo suficiente para descobrir a localização da mulher cujo nome ela não revelaria. Sabia perfeitamente que ela não lho diria. Aquela casa devia o seu êxito à sua total discrição, e os segredos eram guardados de toda a gente — incluindo os Bastardos Bareknuckle.

Assim, não pressionou Zeva. Ao invés, passou bruscamente por ela, ignorando a forma como as suas sobrancelhas negras se ergueram numa surpresa silenciosa. Silenciosa, de momento; Zeva era a melhor tenente e escondia segredos de todos menos da sua patroa. E quando Grace — conhecida em toda a cidade de Londres apenas como Dahlia — voltasse ao seu devido lugar como senhora daquela casa, iria saber o que acontecera. E não hesitaria em questioná-lo acerca disso. Não havia curiosidade mais implacável do que a de uma irmã.

Contudo, naquele momento, Grace não estava ali para o chatear. Havia apenas a misteriosa mulher da carruagem, cheia de informação, a peça final no mecanismo que ele aguardava por pôr em movimento. A mola, à espera de que lhe dessem corda. Ela sabia os nomes dos homens que haviam disparado contra a sua carga, contra os seus rapazes. Os nomes dos homens que andavam a roubar os Bastardos Bareknuckle. Os nomes dos homens que trabalhavam com o irmão dele. E ali estava ela, num edifício que pertencia à sua irmã, num território que pertencia ao próprio Whit.

Esperando que um homem lhe desse prazer.

Ignorou a excitação que o percorreu ao pensar nisso e o laivo de irritação que se seguiu. Ela era trabalho, não prazer.

Estava na hora de tratar de negócios.

Viu-a assim que entrou, os seus olhos descobrindo-a empoleirada na ponta da cama, agarrada a um poste, no escuro. Ao fechar a porta atrás de si, consumia-o um pensamento singular: sentada ali, num dos mais extravagantes bordéis da cidade — concebido para mulheres de gosto requintado e prometendo a maior discrição —, a mulher não podia parecer mais deslocada.

Ela deveria parecer completamente em casa, tendo em conta que o acordara, tivera uma conversa com ele como se fosse tudo muito normal e em seguida o empurrara de uma carruagem em andamento. Depois de o beijar.

O facto de ela se ter dirigido ali parecia absolutamente de acordo com o resto daquela noite de loucos. Contudo, efetivamente, algo não estava bem.

Não era o vestido; as luxuosas saias de seda explodindo da penumbra em indomáveis ondas turquesa sugeriam uma modista de habilidade superior. Não eram os sapatos a condizer, as biqueiras a espreitarem sob as bainhas. Não era a forma como o corpete brilhava no escuro, abraçando-lhe a curva do tronco e emoldurando as maravilhosas protuberâncias por cima dele — não, essa parte era perfeita para a Shelton Street. Não era sequer a sombra da sua face — quase irreconhecível no escuro, mas revelando uma boca aberta de surpresa. Outro homem poderia achar ridícula aquela boca aberta, mas Whit sabia algo mais. Conhecia-lhe o sabor. A forma como aqueles lábios cheios amaciavam e se rendiam. E não havia nada de remotamente errado nisso.

O número 72 da Shelton Street recebia com prazer corpos cheios e lábios carnudos, bem como mulheres que os soubessem utilizar. Porém, esta mulher não sabia utilizá-los. Estava rígida como pedra, agarrando o poste da cama com tal firmeza que lhe deixava os nós dos dedos pálidos e segurando uma taça de champagne na outra, com o corpo num ângulo estranho, parecendo completamente deslocada. Ainda mais quando se endireitou o quanto pôde e disse:

— Peço desculpa, senhor. Estou à espera de uma pessoa.

— Hum... — Ele encostou-se à porta, cruzando os braços diante do peito, desejando que ela não estivesse oculta pela penumbra.

— Do Nelson.

Ela assentiu com a cabeça, como um boneco de corda.

— Exatamente. E como o senhor não é ele...

— Como é que sabe?

Silêncio. Whit resistiu ao desejo de sorrir. O pânico dela era quase audível. Parecia prestes a recuar, o que o deixaria numa posição de poder. Dentro de minutos, dar-lhe-ia a informação que ele desejava — tão fácil como roubar um doce a um bebé.

Porém, ela disse:

— O senhor não corresponde à minha lista de qualificações.

*Que raio?! Qualificações?*

Por milagre, consegui não lhe perguntar nada. A tagarela, contudo, forneceu-lhe informação adicional.

— Requeri especificamente alguém menos...

Interrompeu-se, e Whit apercebeu-se de que faria quase tudo para saber o fim daquela frase. Quando ela abanou uma mão na sua direção, ele não se conteve.

— Menos...?

— Exatamente. Menos — repetiu ela, fazendo um esgar. Algo suspeitosamente parecido com orgulho explodiu no peito de Whit, mas ele conteve-se, não dizendo nada. — O senhor não é menos. O senhor é mais. É muito. Foi por isso que o atirei da carruagem há pouco... A propósito, peço desculpa por isso. Espero que não tenha ficado magoado com a queda.

Ele ignorou a última parte.

— Muito quê?

A mão dela voltou a acenar.

— Muito tudo. — Ela enfiou a mão no volumoso tecido das saias e retirou um papelinho, que consultou. — Altura média. Constituição média. — Ergueu os olhos, avaliando-o descaradamente. — O senhor não é nada disto.

Ela escusava de se mostrar desapontada. O que mais estaria no papel?

— No nosso primeiro encontro, não reparei que era tão grande — prosseguiu.

— É isso que lhe chama? Um encontro?

Ela inclinou a cabeça, refletindo.

— Tem um termo melhor?

— Um ataque.

Ela arregalou os olhos por detrás da máscara e pôs-se de pé, revelando ser bastante mais alta do que ele imaginara, na carruagem.

— Eu não o ataquei!

Estava enganada, obviamente. Tudo nela era um ataque, desde as curvas luxuriosas à luminosidade dos seus olhos, ao brilho do vestido, ao seu cheiro a amêndoas, como se tivesse acabado de vir de uma cozinha repleta de bolos.

A mulher parecia-lhe um ataque desde que, ao abrir os olhos naquela carruagem, dera com ela ali, a tagarelar incessantemente acerca de aniversários e de planos e do Ano da Hattie.

— Hattie. — Ele não pretendia dizê-lo. Decerto, não pretendia gostar de o dizer.

Os olhos dela arregalaram-se, ficando incrivelmente maiores por detrás da máscara.

— Como é que sabe o meu nome? — perguntou, o pânico e a indignação a escorrerem dela. — Julguei que este lugar era o máximo da discrição...

— O que é o Ano da Hattie?

Ela percebeu, recordando-se de lhe ter revelado o seu nome.

— O que é que isso lhe interessa? — perguntou, um momento depois.

Ele não tinha a certeza da resposta, pelo que não disse nada. Ela preencheu o silêncio, algo que, começava ele a perceber, tendia a fazer.

— Calculo que o senhor não vá dizer-me o seu nome. Sei que não é Nelson.

— Porque eu sou demasiado para ser o Nelson.

— Porque não satisfaz os meus requisitos. É demasiado largo de ombros e longo de pernas e não é encantador, e decerto não é absolutamente nada afável.

— Fez uma lista de requisitos para um cão, não para uma noite de sexo.

Os olhos de Hattie arregalaram-se, mas ela não mordeu o isco.

— E tudo isso sem sequer considerarmos a sua cara.

Que raio havia de errado com a sua cara? Em 31 anos, nunca recebera uma queixa, e aquela louca ia mudar isso?

— A minha cara...

— Exato — disse ela, a palavra saindo como uma carruagem a grande velocidade. — Pedi uma cara que não fosse tão...

Whit ficou suspenso na pausa. Logo agora é que a mulher decidia parar de falar?

Ela abanou a cabeça, e ele resistiu à tentação de praguejar.

— Esqueça — atalhou ela. — A questão é que eu não o pedi a si, e também não o ataquei. Não tive nada que ver com o seu aparecimento inconsciente na minha carruagem. Embora, para ser

franca, o senhor comece a parecer-me o género de homem que pode bem merecer uma paulada na cabeça.

— Não penso que tenha feito parte do ataque.

— Ainda bem. Porque não fiz.

— Quem fez?

— Não sei.

*Mentira.*

Ela estava a proteger alguém. A carruagem pertencia a alguém em quem ela confiava, ou não a teria usado para vir àquele sítio. O pai? Não. Impossível. Nem aquela louca usaria o cocheiro do pai para a levar a um bordel em pleno Covent Garden. Os cocheiros falavam.

Um amante? Por um momento fugaz, considerou a possibilidade de ela não estar simplesmente a trabalhar com o seu inimigo, mas a dormir com ele. Não gostou do desagrado que a ideia lhe provocou. Pensou melhor.

Não. Não seria de um amante. Ela não estaria num bordel se tivesse um amante. Não teria beijado Whit se tivesse um amante. E ela beijara-o, suave e doce e inexperientemente.

Não havia amante nenhum.

Contudo, ela permanecia leal ao inimigo.

— Acho que sabe perfeitamente quem me amarrou naquela carruagem, Hattie — insistiu ele, aproximando-se dela. Um vibrar de consciência percorreu-o ao aperceber-se de que ela era quase da sua altura. O peito dela subia e descia, num ritmo *staccato*, sob o decote do vestido, os músculos da garganta movendo-se enquanto escutava. — E julgo que sabe que não partirei sem um nome.

Ela semicerrou os olhos, na penumbra.

— Isso é uma ameaça? — perguntou. Ele não respondeu. Ela pareceu acalmar perante o silêncio dele, a sua respiração estabilizando, endireitando os ombros. — Não reajo bem a ameaças, senhor. Esta é a segunda vez que interrompe a minha noite. E é bom que se lembre de que fui eu quem lhe salvou a pele.

A mudança nela fora notável.

— Quase me matou — retorquiu ele.

Ela desdenhou.

— Oh, por favor... O senhor foi bastante ágil. Vi-o a rolar da carruagem e a equilibrar-se na rua, como se não fosse a primeira vez que aquilo lhe acontecia. — Fez uma pausa. — Não foi, pois não?

— O que não significa que queira transformar isso num hábito.

— A questão é que, se não fosse eu, o senhor podia estar morto numa valeta. Um cavalheiro razoável agradecer-me-ia afavelmente e ir-se-ia embora.

— Tem azar, então, por eu não o ser.

— Razoável?

— Cavalheiro.

Ela soltou uma pequena gargalhada de surpresa.

— Bem, dado que nos encontramos num bordel, acho que nenhum de nós pode reivindicar muita aristocracia.

— Isso não constava da sua lista de qualificações?

— Oh, constava — respondeu ela. — Mas esperava algo mais aproximado ao ideal de cavalheirismo do que uma realidade aristocrática. Eis o problema: eu tenho planos, que se danem os ideais, e não permitirei que mos arruíne.

— Os planos de que falou antes de me atirar da carruagem.

— Não o atirei. — Como ele não disse nada, ela continuou: — Pronto, atirei. Mas o senhor safou-se muito bem.

— Não graças a si.

— Não tenho a informação que deseja.

— Não acredito em si.

Ela abriu a boca. Fechou-a.

— Que grosseiro.

— Tire a máscara.

— Não.

Os lábios dele tremeram ao ouvir a resposta decidida.

— O que é o Ano da Hattie?

Ela empinou o queixo, em desafio, mas manteve-se em silêncio. Whit emitiu um pequeno grunhido, atravessou o quarto para ir buscar o champanhe e voltou para lhe encher o copo. Quando terminou, devolveu a garrafa ao seu lugar e encostou-se ao para-peito da janela, vendo-a remexer-se.

Ela nunca estava quieta — ou alisava as saias, ou brincava com a manga. Ele observou a longa linha do vestido, a forma como este envolvia as suas curvas indomadas e fazia promessas que um homem desejaria ver cumpridas. A luz das velas brilhava-lhe sobre a pele, dourando-a. Esta não era uma mulher que tomasse chá. Era uma mulher que tomava o Sol.

Tinha dinheiro, claramente. E poder. Uma mulher precisava de ambos a rodos para entrar naquele lugar — o simples facto de saber que tal sítio existia requeria uma complexa rede de contactos. Havia milhares de razões que a poderiam ter levado a ir ali, e Whit já as ouvira todas: tédio, insatisfação, imprudência. Contudo, não via nada disso em Hattie. Ela não era uma rapariga impetuosa. Tinha idade suficiente para se conhecer e fazer as suas escolhas. Também não era simplória, nem diletante.

Avançou para ela. Lentamente. Deliberadamente. Ela ficou tensa. Apertou com força o papel na sua mão.

— Não me deixarei intimidar.

— Ele roubou-me algo, e quero que mo devolva.

Mas isso não era tudo.

Encontrava-se perto dela o bastante para lhe tocar. Perto o bastante para lhe medir a altura, que, como reparara antes, era quase equivalente à sua. Perto o bastante para ver os seus olhos, escuros por detrás da máscara, fixos nos seus. Perto o bastante para ficar envolto num aroma de amêndoas.

— O que quer que seja — disse ela, puxando os ombros para trás —, tratarei de que seja devolvido.

Quatro carregamentos, bem como três dos seus homens baleados. E, depois daquela noite, as próprias facas de arremesso de Whit, que ele prezava acima de tudo. Se não se enganava, mais do que alguma vez poderia ser devolvido.

Abanou a cabeça.

— Não é possível. Exijo um nome.

Ela empertigou-se.

— Lamento, eu não fraquejo.

Outro homem teria achado aquelas palavras divertidas. Porém, Whit detetou a sua honestidade. Como se teria ela envolvido naquela trapalhada? Não conseguiu evitar repetir-se:

— O que é o Ano da Hattie?

— Se lhe disser, deixa-me em paz?

*Não.* Ele não o disse.

Ela respirou fundo, no silêncio, parecendo estar a ponderar as suas opções.

— É exatamente o que parece — disse, então. — É o meu ano. Reivindico-o para mim.

— Como?

— Tenho um plano com quatro itens para comandar o meu próprio destino.

— Quatro itens.

Ela ergueu a mão, contando-os pelos dedos, uns longos dedos enluvados.

— Negócios. Casa. Fortuna. Futuro. — Fez uma pausa. — Agora, se me disser exatamente o que foi retirado da sua posse, tratarei de que lhe seja devolvido, e poderemos prosseguir as nossas vidas sem voltarmos a incomodar-nos um ao outro.

— Negócios. Casa. Fortuna. Futuro — repetiu ele, enunciando o plano. — Por esta ordem?

Ela inclinou a cabeça.

— Possivelmente.

— Que género de negócios? — Whit tinha dinheiro para gastar e podia ajudá-la em qualquer negócio que ela desejasse... em troca da informação que pretendia.

Ela semicerrou os olhos e permaneceu em silêncio. Provavelmente, aspirava a ser modista, ou chapeleira, dois ofícios que lhe poderiam comprar uma casa, mas nenhum deles lhe traria fortuna. Porém, não seria esta mulher mais adequada a ser esposa e mãe em qualquer propriedade rural? Nem isso nem nenhum dos seus quatro itens faziam sentido no contexto de um bordel da Shelton Street. Ele apontou para o papel na mão dela.

— O que é que esperava do Nelson? Investimento?

Ela abafou uma pequena gargalhada.

— Algo do género.

— De que género?

— Há um quinto item — respondeu ela.

Um relógio soou no corredor, e Whit pegou, sem pensar, nos seus relógios, verificando as horas em ambos, antes de os voltar a guardar.

— E qual é?

O olhar dela seguiu-lhe os movimentos.

— Por acaso tem horas?

Ele percebeu a troca da pergunta.

— São 23 horas.

— Em ambos os relógios?

— Qual é o quinto item?

Um rubor invadiu as faces dela ao ouvir a pergunta. A curiosidade de Whit acerca daquela mulher misteriosa tornou-se quase insuportável. Então ela disse, clara como o relógio no corredor:

— Corpo.

Quando Whit tinha 17 anos, saíra do ringue a cambalear devido a um combate que durara demasiado tempo, com um adversário demasiado grande, levando o rugir da multidão preso nos ouvidos por causa dos golpes duros que sofrera. Aterrara no beco, nas traseiras de um armazém, onde ficara a respirar o ar frio, imaginando-se em todo o lado menos ali, num clube de combate em Covent Garden. A porta atrás de si abrira-se e fechara-se, e uma mulher aproximara-se com um pano de linho na mão. Oferecera-se para lhe limpar o sangue do rosto. As suas palavras doces e o toque gentil constituíram o prazer maior que ele alguma vez sentira na vida.

Até ao momento em que ouviu Hattie dizer a palavra «corpo».

No silêncio que se estendeu entre eles, ela soltou uma pequena gargalhada nervosa.

— Suponho que, na verdade, seja um primeiro item, considerando que é essencial para os restantes.

*Corpo.*

— Explique. — A palavra saiu como um rugido.

Ela pareceu considerar a possibilidade de não explicar, como se ele fosse permitir que ela saísse dali sem o fazer. Deve tê-lo percebido, porque disse, finalmente:

— Há duas razões. — Fez uma pausa. Ele aguardou. — Algumas mulheres passam toda a vida em busca do casamento.

— E a Hattie não?

Ela negou com a cabeça.

— A certa altura, talvez eu tivesse aceitado bem... — calou-se. Whit susteve a respiração, esperando pelas palavras seguintes. Ela encolheu os ombros. — Amanhã faço 29 anos. Neste momento, sou um dote e nada mais — comentou. Ele não acreditava que assim fosse, nem por um momento. — Não quero ser um dote. — Olhou-o. — Não quero ser uma mercadoria. Quero ser minha. Escolher por mim própria.

— Negócios. Casa. Fortuna. Futuro — repetiu ele.

Ela sorriu, um sorriso largo e vitorioso, aquela maldita covinha a surgir novamente, e ele não pôde deixar de se demorar naqueles lábios, de cuja sensação se lembrava com agrado desde o início da noite. Os lábios voltaram a mover-se.

— Há apenas uma maneira de assegurar que poderei escolher por mim própria. — Ela fez uma pausa. — Livrar-me da única coisa em mim que é apreciada. Reivindico-me a mim mesma. E venço.

— E veio aqui para...? — incitou ele, embora sabendo a resposta. Querendo que ela a proferisse. Querendo ouvi-la.

De novo, aquele rubor.

— Para perder a virgindade — confessou ela, com magnificência. As palavras vibraram nos ouvidos dele. E, sabia-se lá porquê, aquela mulher riu-se. — Bem, mas não posso perdê-la sozinha, obviamente. Essa é a missão do Nelson.

Whit deixou o silêncio reinar por um momento, coligindo uma série de pensamentos.

— Liberta-se da sua virgindade e fica livre para viver a sua vida.

— Precisamente! — assentiu ela, como se estivesse deliciada por alguém compreender.

Ele resmungou.

— E qual é a segunda razão?

Novamente, o rubor nas faces. Quem era aquela mulher, simultaneamente arrojada e envergonhada?

— Suponho... — Deteve-se. Pigarreou. — Suponho que quero.

*Caramba!*

Ela poderia ter dito um milhar de coisas de que ele estivesse à espera. Coisas que o teriam mantido silencioso, impassível. E, contudo, dissera algo tão terrivelmente sincero que ele não tinha escolha senão interessar-se. Sentiu necessidade de se mexer.

Tentou conter o desejo, impedindo-o de brotar, deslizando a mão que ansiava por tocar em Hattie para dentro do bolso, retirando um saco de doces. Meteu um doce na boca, deixando o limão e o mel explodirem-lhe na língua. Algo que o distraísse das palavras dela.

«Suponho que quero.»

Hattie semicerrou os olhos para o saco.

— Isso são... doces?

Ele baixou os olhos para o saco e resmungou uma confirmação.

## *A Dama tem um plano...*

No seu vigésimo nono aniversário, Lady Henrietta Sedley, mais conhecida por Hattie, quer herdar os negócios do pai, construir fortuna própria e viver uma vida em que não dependa de ninguém. Tudo está a correr de acordo com o plano, até que Hattie encontra, amarrado na sua carruagem, o homem mais bonito que já viu...

## *E o Monstro, uma proposta.*

Quando Whit, rei de Covent Garden, conhecido por todo o mundo como Beast, acorda aos pés de Hattie, fica curioso acerca da estranha mulher que o liberta — sobretudo quando percebe que ela procura uma noite de prazer. Beast terá todo o gosto em oferecer-lhe tudo o que ela deseja, por um preço, claro está.

## *O que resulta numa paixão inesperada.*

De um momento para o outro, Hattie e Whit tornam-se rivais nos negócios e no prazer. Ela não irá abrir mão dos seus planos, ele não abdicará do seu poder. Mas nenhum deles percebe que, se não tiverem cuidado, terão de desistir de tudo... até dos seus corações.

**DEIXE-SE APAIXONAR:**



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-668-882-0



9 789896 688820

Ficção Romântica